

Diadorim e Hermógenes: jogo de duplos e espelhamento em *Grande Sertão: Veredas*

Renata de Albuquerque¹.

RESUMO: O presente estudo busca analisar as relações que ligam os personagens Diadorim e Hermógenes, na obra *Grande Sertão: Veredas*, em relação a uma das muitas travessias contidas no livro, aquela cujo estopim é o episódio do julgamento de Zé Bebelo, que traz novos parâmetros civilizadores para o ambiente do sertão.

Palavras-chave: Diadorim; Metáfora; Hermógenes; Espelhamento.

Introdução

Uma das maneiras de confirmar a complexidade e a profundidade de *Grande Sertão: Veredas*² é notar a diversidade de estudos críticos feitos a respeito da obra. São múltiplos os temas suscitados pela leitura, bem como os desdobramentos gerados por cada um deles. Ainda assim, cinquenta anos depois de sua primeira publicação, *Grande Sertão: Veredas* parece continuar sendo fonte inesgotável de questões a serem postas e resolvidas pela crítica literária.

Nesse contexto, Diadorim desponta como um dos temas prediletos. Não apenas por sua complexidade em si, mas porque tal personagem dá margem a interpretações diversas, sendo peça-chave na compreensão de variados aspectos da obra. Diadorim como guia de Riobaldo em sua travessia, tanto interior quanto geográfica; presença andrógina e enigmática que causa desconforto e incompreensão; personagem que guarda um segredo inexpugnável; o signo do feminino deslocado no mundo da jagunçagem. São tantas as leituras perturbadoras de Diadorim e tamanha sua importância na história contada por Riobaldo (e na história de Riobaldo) que seu nome é presença constante em grande parte dos estudos sobre o livro.

Esse feminino que se põe à margem do universo do livro causa estranheza e estranhamento, não apenas a Riobaldo, mas a todos os que se embrenham pelas veredas do sertão rosiano. Seu significado completo parece ser fugidio, imperceptível ou impossível de ser captado

¹ Aluna da pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP).

² ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. Todas as referências ao livro contidas neste trabalho são desta edição.

pela linguagem com que se tece o livro, aquela que está à disposição no universo sertanejo de Rosa.

Por isso fica tão latente o uso de metáforas com que Riobaldo tenta explicar Diadorim: o que representou Diadorim para Riobaldo e para a história que ele conta no momento em que nós, leitores, o encontramos? O narrador, todo o tempo, pede uma explicação. Quer recontar a história para tentar compreendê-la.

O presente trabalho pretende explorar um dos muitos vieses em que se inscreve o enigma Diadorim: sua imagem como neblina e seu papel na travessia entre o velho e o novo mundo, que passa a existir depois do episódio do julgamento de Zé Bebelo. Este estudo abordará também a relação de espelhamento entre Diadorim e Hermógenes. O que o estudo tentará mostrar é que existem alguns pontos de ligação entre Diadorim e Hermógenes (símbolo do velho mundo que se extingue com a fundação de uma lei civilizatória³ no sertão), e que tais pontos podem estabelecer relações importantes para a compreensão dessa travessia no contexto da obra⁴.

A Construção da metáfora

*“Digo. Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é a minha neblina...”*⁵

Desde que Riobaldo, o narrador-personagem, começa a contar sua história para o interlocutor (que ao leitor não é dado conhecer), fica claro qual universo será retratado: o sertão árido e seco, palco de batalhas sangrentas. Esse, entretanto, não é um sertão que exista no momento da narração. É um sertão que não existe mais, que já passou, que acabou ainda no início do século XX. Nesse sertão, a lei é a dos homens fortes. Ali, não há lugar para a manifestação do feminino.

A linguagem que Riobaldo escolhe para falar desse sertão reflete a aridez, o masculino definidor desse universo⁶. As ações e fronteiras são claras, ele procura ser o mais exato possível em sua narração. Prova disso são as inúmeras vezes em que Riobaldo retoma e reconstrói alguns

³ “A lei aqui não necessariamente deve ser entendida como a lei institucional...” (ASSIRATI, 2001, p. 39).

⁴ GARBUGLIO (1972) já coloca no cerne da discussão da obra a chave interpretativa do duplo, do bipolar, ainda que analisando aspectos diversos daqueles destacados neste estudo.

⁵ GS:V, p. 40.

⁶ HANSEN (1983) fala da marca do “O”, artigo definido que determina ações e relações entre os homens no sertão.

trechos de sua epopéia trágica, ainda que esse recurso tenha também outras funções⁷. Mas quando Riobaldo fala de Diadorim, é como se algo mudasse nesse padrão, como se fosse aberta uma vereda que desse vazão a um outro olhar, mais sutil, fluido e delicado, cheio de encantamento, mistério e atração inexplicável.

O leitor saberá, adiante, que Diadorim é não um jagunço, mas uma mulher que se faz passar por jagunço. Entretanto, não é unicamente por isso que, ao falar de Diadorim, Riobaldo muda a atmosfera de sua fala.

Riobaldo transforma sua narração pois justamente em Diadorim está o nó que ele precisa desatar. AGUIAR (Oco do Mundo, 1998) aponta nesse processo a narração como “forma de expiação”. Ou seja, Riobaldo transforma em palavras sua experiência na esperança de compreendê-la, de encontrar respostas a questões apenas embrionariamente formuladas, do ponto de vista consciente: por que ele não identificou o feminino em Diadorim? Por que o encontro com Diadorim (Menino, Reinaldo, Maria Deodorina) é recorrente e marcante em sua vida? O que isso tem a ver com a presença do diabo? “O que o retém é a dor de não ter reconhecido a tempo a natureza de Diadorim (...) Em parte, a narração de Riobaldo visa expiar esta perda. Ele o faz através da construção de uma metáfora, isto é, pela reconstrução de Diadorim enquanto uma metáfora”⁸.

Riobaldo veste Diadorim de muitas imagens, ligando-a ao arco-íris, a um felino, a um pássaro galante (“manuelzinho da crôa”, aquele que sempre anda em pares), a um sofrido ar que é saudade... Diz que Diadorim é a sua neblina e esta é uma imagem fundamental para compreender qual o lugar de Diadorim na travessia da velha para a nova ordem que se instaura no sertão após o julgamento de Zé Bebelo, “ponto de repartição entre o antigo e o novo, pois marca o início de passagem da mentalidade de um para o outro”⁹.

Riobaldo *diz*, fala sobre Diadorim. Reconta sua história, refaz seu percurso por meio da narrativa. Mas não apenas isso. Riobaldo *pensa* sobre Diadorim. Ou seja, deseja compreender, quer uma resposta racional para a experiência pela qual passou, precisa conseguir uma *interpretação*¹⁰ satisfatória para sua experiência. Fala que Diadorim “é a minha neblina”. Isso é muito mais do que se dissesse apenas “Diadorim neblina”. Primeiro porque deixa claro que ela

⁷ Sobre isso, ver ASSIRATI (2001).

⁸ AGUIAR (Oco do Mundo, 1998), p. 83.

⁹ GARBUGLIO (1972), p. 98.

¹⁰ Voltaremos à questão da interpretação mais adiante.

ainda *é*, no momento presente da narração, um mistério nebuloso. Se o verbo estivesse no passado, provavelmente então o problema estaria resolvido. E é isto que Riobaldo deseja: superar essa questão.

Diadorim é a neblina de Riobaldo. Não uma neblina para todos os que conviveram com sua figura, mas para aquele homem em especial. É *ele* quem não a/o entende, quem tem a visão atrapalhada por ela(e), que não lhe pode definir os contornos. E não é uma neblina qualquer. É “a” neblina, com o peso de carregar o artigo que a define como única¹¹.

É interessante notar como Guimarães Rosa constrói de maneira proposital os detalhes dessa relação. Ao mesmo tempo em que a terminação “im” em Diadorim aponta para o gênero indeterminado, “a” neblina define-o pelo feminino, ainda que, neste ponto da narrativa, Riobaldo não tenha revelado a seu interlocutor a verdadeira natureza de Diadorim.

A imagem da neblina leva à “metáfora da figura insondável e cegante (...) símbolo do indeterminado que remete ao caos primordial”¹². É algo que se desfaz, que naturalmente (e não por obra ou desejo de alguém) some, desaparece, desvanece¹³. Diadorim é, para Riobaldo, neblina que vai e vem, aparece e desaparece ao longo de sua história (a de Riobaldo), ora como o Menino, ora como Reinaldo, ora como Maria Deodorina. Com qualquer um desses nomes, é sempre a inconfundível e perturbadora presença de Diadorim.

Hermógenes, o Mal

*“O Hermógenes – demônio. Sim só isto. Era ele mesmo.”*¹⁴

Perturbadora também é a presença do Hermógenes. Mas esse jagunço incomoda Riobaldo de forma diferente da neblina Diadorim. Hermógenes é o Mal encarnado que Riobaldo repugna com todas as suas forças. Riobaldo sente nojo do Hermógenes, o pactário das sombras, que maltrata e mata por prazer, não apenas por dever (lembremos aqui do episódio em que Riobaldo diz ter abusado de mulheres apenas pela necessidade do ofício, e que lhes tinha até dado certo

¹¹ HANSEN (1983) faz a análise do “o” pelo qual Riobaldo chama Hermógenes e esse uso de pronominal específico pode ser considerado já o primeiro sinal de espelhamento entre Diadorim e Hermógenes, sobre o que falaremos a seguir.

¹² NEITZEL (2004), p. 51.

¹³ No dicionário Aurélio, encontram-se os seguintes significados para desvanecer: fazer passar ou desaparecer; dissipar, extinguir, expungir, destruir. Acalmar. Desaparecer, passar, apagar-se, sumir (-se), extinguir-se. Todos esses significados, juntos, conseguem formar um quadro de quão eloqüente e precisa é a metáfora da neblina.

¹⁴ GS:V, p. 65.

gozo na ocasião – uma demonstração de que o narrador quer distanciar seu caráter e sua conduta moral da de Hermógenes).

A relação entre Riobaldo e Hermógenes é de “oposição excludente”¹⁵. Riobaldo deseja matá-lo para que só reste apenas um chefe – representante do “bem” –, para satisfazer seu ódio e para satisfazer Diadorim, em última análise a figura que o impeliu para dentro dessa luta e única razão realmente concreta para esse embate.

O sertão de que fala Riobaldo é o “espaço do excessivo”, lugar selvagem (cujo tom idílico é dado pela presença de Diadorim) do instinto e do primitivo. Nesse cenário, Hermógenes surge como paradigma de brutalidade, figura monstruosa e fragmentária: “nele, tudo é designação, fragmentação e pedaços caóticos, num estado de mistura que não se deixa projetar para cima, para uma significação ideal que o capture numa forma determinada e da qual ele seja a figura derivada”¹⁶.

Hermógenes, como Diadorim, tem a certa altura da narrativa sua figura ligada a de um felino¹⁷. Mas ao contrário de Diadorim, apresenta-se como mau, homem ainda não civilizado, impossível de ser contido. É como se, com sua presença e sua atuação, Hermógenes se espalhasse pelo sertão, e espalhasse por este cenário o Mal que ele não apenas representa, mas *é*.

Hermógenes é “fel dormido”, que “gostava de matar por seu miúdo regozijo”, não para contar vantagem de valentia nem apenas para impor-se como mau. Até porque Hermógenes não precisa “impor-se mau”, pois ele assim o é por si mesmo (e por resultado do pacto que fez). E por este pacto, acaba deixando transbordar características diabólicas: a voz “desgovernada desigual”, que se concretiza em rosno, grunhidos e guinchos; o “cheiro fedorento”, a descrição animalizada, a identificação com o sombrio. É Hermógenes que, sendo demônio, impediria Riobaldo de ver a raiz das coisas (o feminino em Diadorim) e que macularia a natureza boa das coisas (a relação entre o narrador e Diadorim).

Assim, Hermógenes aparece-nos como a excrescência do ambiente do sertão, pois estão nele concentradas, justamente, todas as características que aparecem, por vezes isoladamente, em cada homem da jagunçagem.

¹⁵ HANSEN (1983), p. 150.

¹⁶ HANSEN (1983), P. 151.

¹⁷ Mais um indício da ligação entre esses dois personagens que são, a princípio, tão distintos entre si.

HANSEN (1983) aponta Hermógenes como ser distante na narrativa de Riobaldo. Não apenas porque aquele ficou no passado, mas porque a ojeriza de Riobaldo por sua figura e tudo o que ele representa ainda é, no momento da narrativa, uma repulsa incontrolada, sinônimo de horror, imagem do inferno.

Os recados dos nomes¹⁸

*“Dão par, os nomes de nós dois...”*¹⁹

Tanto Diadorim quanto Hermógenes, figuras centrais nesta análise, carregam consigo nomes muito significativos, que captam, para além de suas personalidades, algumas de suas funções na história de Riobaldo (e, em especial, no episódio da travessia que ocorre após o julgamento, de que falaremos a seguir). Por isso, vale a pena realizar uma breve (porém elucidativa) análise dos nomes de Diadorim e Hermógenes antes de continuar.

GARBUGLIO (1972) aponta o nome Diadorim como fusão de *diá* (através) e *dóron* (dádiva), o que transformaria o próprio personagem em um presente para que Riobaldo pudesse, por meio dele, enfrentar as travessias que se impõem no decorrer da narrativa. O mesmo autor apresenta ainda Diadorim na chave do “duplo adorar” (di + adoro). Neste caso, “im” tem a função de sufixo indeterminante de gênero, que não só remete à natureza indefinida de Diadorim mas lembra que este é um processo incomum no português e típico do latim, língua morta, que faz parte de mundo antigo²⁰.

AGUIAR (*Oco do Mundo*, 1998) vê em Diadorim o “di” que, a um só tempo, indica o duplo e também o que divide, cinde. Em consonância com GARBUGLIO (1972), podemos concluir que essa cisão se dá através da dor ou do sofrimento (*diá* + dor), o que de fato ocorre, pois Diadorim precisa morrer para que se funde uma nova lei no sertão.

Finalmente, Diadorim remete a “dia” (luz, claridade, sol), em contraposição a imagem sombria de Hermógenes. Mas também remete a “diabo”, duplo espelhado de Hermógenes (que personifica o demônio/lúcifer, encerrando nas palavras um intrigante círculo). Esse espelhamento merece especial atenção, já que “Diadorim é corruptela de Deodorina, feminino e diminutivo de

¹⁸ *O Recado do nome* é, na verdade, o título de um livro de Ana Maria Machado sobre a obra de Guimarães Rosa, publicado em 2003 pela editora Nova Fronteira (RJ).

¹⁹ GS:V, p. 160, em referência aos nomes Reinaldo e Riobaldo.

²⁰ A referência a um mundo antigo, que não existe mais, é um indício para que possamos entender como Diadorim se coloca no processo da travessia (que ocorre após o julgamento).

Deodoro ou Teodoro, isto é, *téos + dóron*, presente de Deus”²¹. O nome faz com que a relação entre Riobaldo e Diadorim se torne sempre ambígua, secreta, repleta de aproximação e afastamento, inexplicada e incompreendida.

Quanto às significações que explicam Hermógenes, a associação mais direta talvez seja com a palavra “hermético”, já que Hermógenes tem o corpo fechado pelo pacto. HANSEN (1983) afirma: “por sua caracterização no texto e pela etimologia de seu nome, o Hermógenes refere-se mitologicamente à linguagem platonicamente pensada: ele é ‘heméneus’ e o ‘intérprete’ e o ‘filho de Hermes’ – e também o mensageiro e o ladrão e o mentiroso e o pactário e o barganhador”²².

Hermógenes é a gênese de Hermes, deus grego mensageiro e intérprete de outros deuses. O fato de Riobaldo, que ao narrar sua história quer ser ajudado a interpretar o que foi Diadorim para ele, é eloqüente por si. Hermógenes, intérprete, é o instrumento pelo qual morre Diadorim, indecifrável, como que para cumprir o destino (no sentido grego, aquele do qual não se pode fugir) de ter sua natureza *descoberta* (o feminino)²³. GARBUGLIO (1972) ressalta que “morte não é solução, mas dissolução. Não resolve, anula pela eliminação”²⁴.

Travessia

*“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”*²⁵

São muitas as travessias de Riobaldo durante o percurso de *Grande Sertão: Veredas*. Muitas as travessias conscientes, físicas e geográficas; muitas, também, as travessias psicológicas, os estados psíquicos que Riobaldo atravessa enquanto (re)conta sua história. Em um ambiente tão masculino quanto o sertão, parece ser o signo do feminino, entretanto, que o move e impele a essas travessias: a morte de sua mãe, Nhorinhá, o conhecimento do sexo, Otacília (que

²¹ GARBUGLIO (1972), p. 74.

²² p. 151/152.

²³ É como se Hermógenes fosse o único que pudesse matar Diadorim, como se apenas pelas mãos dele ela pudesse ser (re)velada.

²⁴ Isso remete à imagem da neblina, que “se dissolve”, e à importância de Riobaldo recontar a história, já que ,morrer não foi solução para que ele compreendesse sua relação com Diadorim.

²⁵ GS:V, p. 85.

faz dele homem “civilizado”, fazendeiro pacato), Diadorim (ainda que sua natureza feminina se lhe seja revelada após a morte).

É Diadorim, especificamente, quem o conduz a muitas dessas travessias²⁶, de formas diversas. Aqui nos interessa, em particular, uma travessia: aquela que promove uma mudança, uma transformação na ordem do sertão, logo após o julgamento de Zé Bebelo. No episódio, em vez de perder sua vida como paga por sua derrota, Zé Bebelo, homem urbano, é exilado do sertão. Cabe aqui perceber como o elemento civilizador se impõe na narrativa. Zé Bebelo é homem letrado, e o julgamento (idéia sua) implicará em uma modificação da práxis do sertão; da lei que vigia até aquele momento (que era de matar e morrer).

Existem intrincadas relações que ligam os personagens. Diadorim, filho(a) de Joca Ramiro, é quem impele Riobaldo à luta. Hermógenes, como Ricardão, é um dos chefes sob comando geral de Joca Ramiro, e quer a morte de Zé Bebelo. Como isto não se concretiza, Hermógenes arma emboscada e mata Joca Ramiro. “Sua repulsa (a de Hermógenes) ao insólito, gerador de novas regras, chega ao extremo de uma solução espantosa”²⁷. Por isso Hermógenes não pode existir, não pode fazer parte dessa nova ordem que ora se estabelece. Simplesmente porque ele não a aceita.

Agora, Riobaldo tem uma razão concreta para a luta: vingar essa morte que não teria razão de ser dentro do novo “sertão civilizado”²⁸. Diadorim, entretanto, é quem morre no enfrentamento contra Hermógenes (em uma atitude de proteger Riobaldo, ou talvez porque, como já foi dito, só Hermógenes pudesse ser mensageiro da descoberta do segredo de Diadorim). “É Diadorim que se embrulha com o Hermógenes no rodamoinho, no meio da rua, ambos cosendo-se à faca (o termo cose é suficientemente sugestivo para conotar a identidade na morte e no destino) sob o olhar do chefe, mas impotente, de Riobaldo, do alto da varanda como diretor de cena”²⁹.

Diadorim e Hermógenes, Bem e Mal, morrem costurados um ao outro. Como se a morte de um dependesse da morte do outro. E como se, só a partir dessas mortes, pudesse, de fato, surgir uma nova lei, um novo tempo civilizador e de paz no sertão.

²⁶ Como, de certa forma, Beatriz a Dante (ver BOLLE, 2001).

²⁷ GARBUGLIO (1972), p. 98.

²⁸ Sob esse aspecto, tanto Diadorim quanto Hermógenes contribuem para a construção do masculino em Riobaldo, cada um a sua maneira.

²⁹ AGUIAR (1992), p. 86.

O jogo de duplos que Guimarães Rosa propõe entre Diadorim e Hermógenes é complexo. O espelhamento de um em outro funciona não apenas para contrapô-los, mas também para aproximá-los (por exemplo a imagem do felino, a presença incômoda, o demônio que ronda a aparição de ambos os personagens, ainda que de forma diversa).

ASSIRATI (2001) lembra que Riobaldo conta o episódio da luta entre Diadorim e Hermógenes como “sendo de caráter transcendental”. É a epifania que entra em cena, para Riobaldo que será, a partir de então, um novo homem (que, inclusive, passa por um rito de purificação – a febre). São forças “sobrenaturais” postas em cena, é a “luta das lutas” o que ocorre ali. Diadorim enfrenta Hermógenes como Riobaldo precisa enfrentar seus dilemas e conflitos, para ter “paz”³⁰.

O processo de transformação não se limita à travessia vida–morte. Nele está incluso também a travessia masculino–feminino que Riobaldo deflagra quando *descobre* o corpo de Diadorim. Diadorim não é mais segredo.

Mas por que a “neblina Diadorim” tem de morrer para que exista este novo mundo?

Neitzel (2004) fala de como masculino e feminino convivem em Diadorim. Sua androginia nos remete a tempos imemoriais, quando o humano ainda não era cindido, e portanto a uma ordem antiga, que já não existe. No sertão, a mulher é um ser “conservador por natureza”³¹, como se não pudesse reinventar seu papel.

Nesse novo sertão, Riobaldo precisará de Otacília para se estabelecer como “homem de bem”, fazendeiro pacato e familiar. Como explicar o sentimento que vem de antes da revelação de seu sexo, se o homossexualismo entre os jagunços não é uma prática aceita? Para ser “homem de bem”, Riobaldo precisa de uma mulher “exemplar”, paradigmática, que o eleve a tal categoria de pertencer socialmente a um grupo. Não haveria lugar para Diadorim, então.

Em determinado momento, Riobaldo sonha com Diadorim passando por sob um arco-íris. Metáfora da travessia que não se completa, o sonho é articulado aqui como um aviso daquilo que ocorrerá e que não se pode mudar (sentença oracular). Ora, se Diadorim pertence a uma ordem antiga, não pode fazer parte da nova ordem que se instaurará, porque é neblina, que desaparece independente da vontade ou da ação do “homem humano”.

³⁰ ASSIRATI (2001) aponta que a herança coletiva deixada por Diadorim é a paz.

³¹ ASSIRATI (2001), p. 36.

Diabólico versus Apocalíptico

“O diabo na rua, no meio do redemoinho...”³²

Diadorim e Hermógenes guardam entre si relações de espelhamento e duplicidade. Ao mesmo tempo em que são figuras excludentes, parece que suas existências na história contada por Riobaldo são interdependentes, como temos tentado mostrar ao longo deste estudo. São diversos os pontos de convergência, ainda que os personagens pareçam tão distintos e distantes um do outro. A mística que os cerca, a atração e repulsa que causam no narrador, várias são as indicações de que um se liga ao outro.

Em seu livro *O Código dos Códigos – A Bíblia e a Literatura*, Northrop Frye indica uma das possíveis interpretações para esta ligação quando contrapõe imagens apocalípticas a imagens demoníacas. Ainda que no livro ele não cite a obra de Guimarães Rosa, é possível realizar um paralelo entre sua teoria (a de Frye) e os personagens Diadorim e Hermógenes em *Grande sertão: Veredas*. Inclusive porque a questão da religiosidade e do místico é uma marca explícita na obra de Rosa.

Afirma Frye: “a palavra grega *apocalypsis* tem o sentido metafórico de descobrir o que está coberto, de retirar um véu”³³. Nesse sentido, Diadorim é apocalipse, já que sua verdadeira natureza só seria descoberta depois de sua morte reveladora. O autor chama de “apocalipse panorâmico” a visão das maravilhas vistas logo antes do fim dos tempos, “uma projeção do conhecimento subjetivo do bem e do mal adquirido por ocasião da queda”. Isto é o que vislumbra Riobaldo quando descobre que Diadorim é na verdade Maria Deodorina, após a morte desta e entende (sem que entretanto compreenda) seu sentimento por ele(a). “Aquele conhecimento (...) cabia todo dentro da moldura da lei”³⁴. Ou seja: a relação entre Riobaldo e Diadorim poderia ser possível, admissível, e Riobaldo intui isso, mas não consegue concretizar (o que transforma Diadorim em neblina). Quando NEITZEL (2004) usa o termo “caos primordial”, essa expressão nos parece adequada para confirmar a natureza “apocalíptica” de Diadorim.

“A visão apocalíptica, na qual o corpo de Cristo é a metáfora que mantém todas as categorias do ser juntas numa só identidade, nos apresenta um mundo onde só há um

³² Sentença repetida ao longo de toda a narrativa de Riobaldo em *GS:V*, em referência à presença constante do diabólico na história do narrador.

³³ FRYE (2004), p.168.

³⁴ FRYE (2004), p. 170.

conhecedor”³⁵. Diadorim, com sua androginia, nos remete a essa metáfora de totalidade, intransponível para Riobaldo.

Em sua análise, Frye contrapõe cada imagem apocalíptica ou idealizada a uma contrapartida demoníaca e separa o demoníaco em duas categorias: o demoníaco-paródico e o demoníaco-manifesto. É a esta categoria que pertence Hermógenes, duplo de Diadorim. Ele é devastador, Mal encarnado que não pode ser mudado. Essa seria a razão pela qual apenas um poderia combater o outro. Mas é também por essa contraposição que ambos devem ser exterminados na batalha, para que o equilíbrio seja mantido; para que não haja predominância nem de um nem de outro. Afinal, é apenas esse equilíbrio que pode promover a fundação de uma nova ordem, civilizada e civilizadora no mundo do sertão e promover mais esta travessia de Riobaldo.

Epílogo

Grande sertão: Veredas é um livro que possibilita inúmeras interpretações e análises, sob os mais diversos ângulos da crítica literária. Não foi pretensão desse estudo esgotar nenhuma dessas possibilidades, mas sim abrir caminhos e contribuir com algumas reflexões acerca da obra.

Procurou-se aqui apenas auxiliar na compreensão sobre o que a metáfora de Diadorim como neblina representa para o narrador Riobaldo, qual sua importância na construção da narrativa e como, em sendo signo de travessia, ao mesmo tempo é excluída dela – pela morte. Morte esta causada por Hermógenes, seu duplo, cujo próprio fim é a única saída possível para a fundação de uma nova lei civilizatória em um sertão pacificado.

“Assente, enfim, tudo estava passado, terminado. Estava?”³⁶. Ainda há muitas veredas a serem transpostas e entendidas neste grande sertão.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Flávio. As Imagens Femininas na Visão de Riobaldo. Revista Scripta, Belo Horizonte, v. 2, n.3, p. 121-126, 2º sem. 1998.

³⁵ FRYE (2004), p. 203.

³⁶ GS:V, p. 298.

_____. Oco do Mundo. In: BRAIT, Beth (org). O Sertão e Os Sertões. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

_____. O Pacto e o Pacto Letrado. Revista Organon, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 6, n.19, p. 85-92, 1992.

_____. Visões do Inferno ou o retorno da aura. In.: NOVAES, Adauto (et al.). O Olhar. 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 317-325.

ASSIRATI, Catarina Meloni. As mulheres e o mundo do sertão na obra de Guimarães Rosa.123f. Tese para habilitação ao doutoramento em Literatura Brasileira apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas no Curso de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

BOLLE, Willi. Diadorim: a paixão como *medium*-de-reflexão. Revista USP, São Paulo, n.50, p. 80-99, junho/agosto 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 1781p.

FRYE, Northrop. O Código dos Códigos – A Bíblia e a Literatura. Trad.: Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. 293p.

GARBUGLIO, José Carlos. O Mundo Movente de Guimarães Rosa. São Paulo: Ática, 1972.139p.

HANSEN, João Adolfo. O O (A Ficção da Literatura em Grande Sertão: Veredas). 213f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas no Curso de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1983.

NEITZEL, Adair de Aguiar. Mulheres Rosianas – percursos pelo Grande Sertão: Veredas. Itajaí: UNIVALI Editora, 2004.125p.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 624p.